



# miguilim

VOLUME 13, NÚMERO 2 | MAIO-AGO 2024

## DE PROTEU A ICARO EM ANTONIO CICERO: MITO E FILOSOFIA NA POESIA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA



## FROM PROTEUS TO ICARUS IN ANTONIO CICERO: MYTH AND PHILOSOPHY IN BRAZILIAN CONTEMPORARY POETRY

Sara Gonçalves RABELO  
Intituto Federal Goiano, Brasil

Juliana Moreira de SOUSA  
Universidade Federal do Goiás, Brasil

Guilherme Mendonça de Oliveira BUIATTI  
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA  
RECEBIDO EM 31/01/2024 • APROVADO EM 04/08/2024  
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i2.1522>

---

## Resumo

---

Desde os primórdios da civilização, as figuras mitológicas permeiam o imaginário popular, pois os deuses eram evocados constantemente em virtude de grandes feitos e situações fantásticas inimagináveis para um mero mortal. Eles foram cultivados como forma de fuga da realidade, ou seja, eram seres sublimes que viviam concomitantes ao mundo real. Desse modo, a mitologia surgiu como uma forma de auxiliar o homem a lidar com as eventuais dificuldades humanas. Na Antiguidade, a origem da poesia era atribuída também às divindades, como era o caso das Musas, tendo estas uma grande influência dentro da poesia arcaica. Esta era considerada sagrada e fazia parte de uma sociedade que ainda não possuía o conhecimento da escrita como forma de manter preservado o passado. Em virtude disso, e devido à tamanha influência desde Homero, é inevitável encontrar resquícios dos grandes feitos mitológicos na poesia moderna, uma vez que parte considerável dos poetas dos séculos XIX e XX escreveram sobre ou citaram os grandes feitos dos deuses. A partir disso, este artigo intenta fazer uma análise dos poemas “Proteu”, publicado no livro *A cidade e os Livros* (2002), e “Icaro”, publicado no livro *Porventura* (2012), avaliando sua compatibilidade comparativo-analítica com textos que trabalharam a relação entre o mito, a poesia e a filosofia, e as grandes obras mitológicas, principalmente a *Teogonia*, publicada provavelmente entre VIII e VII a.C., de Hesíodo e *Metamorfose*, de Ovídio, publicada em VIII a.C.

---

## Abstract

---

Since the beginnings of civilization, mythological figures permeated the popular imagination, as the gods were constantly evoked due to great deeds and fantastic situations unimaginable to a mortal. They were cultivated as a way of escaping reality, they were sublime beings who lived alongside the real world. In this way, mythology emerged to help man deal with possible human difficulties. In Antiquity, the origin of poetry was also attributed to deities, as was the Muses, who had a great influence on archaic poetry. This was considered sacred and was part of a society that did not yet have knowledge of writing as a way of preserving the past. Because of this, and due to such influence since Homer, it is inevitable to find remnants of great mythological deeds in modern poetry, since a considerable number of 19th and 20th century poets wrote about or cited the great deeds of the gods. Based on this, this article attempts to analyze the poems “Proteu”, published in the book *A Cidade e os Livros* (2002), and “Icaro”, published in the book *Porventura* (2012), evaluating their comparative-analytical compatibility with texts that they worked on the relationship between myth, poetry and philosophy, and the great mythological works, mainly *Theogony*, published probably between VIII and VII BC, by Hesiod and *Metamorphosis*, by Ovid, published in VIII BC.

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** Antonio Cicero. Mitologia. Poesia

**Keywords:** Antonio Cicero. Mythology. Poetry.

## **Introdução**

Desde os primórdios da civilização, as figuras mitológicas permeavam o imaginário popular. Os deuses eram evocados constantemente em virtude de grandes feitos e situações fantásticas inimagináveis para um mero mortal, com isso, séculos após séculos, desde o início da civilização como se conhece, os deuses foram lembrados através de músicas, peças, jogos e poesias. Além disso, esses seres foram cultivados como forma de fuga da realidade em relação às dificuldades diárias, ou seja, eram seres sublimes que viviam concomitantes ao mundo real, porém eram invisíveis para os olhos humanos (mas Homero os imortalizou – na *Odisseia* – realizando a interação deles com os heróis). Desse modo, a mitologia surgiu como uma forma de auxiliar o homem a lidar com as eventuais dificuldades humanas, como uma justificativa para os fenômenos terrestres – tempestades, raios, trovões, terremotos – e situações extremas de amor e ódio.

Na Antiguidade, a origem da poesia era atribuída a divindades, como as Musas, tendo estas uma grande influência dentro da poesia antiga. Considerada sagrada, a poesia fazia parte de uma sociedade que ainda não possuía o domínio da escrita como forma de manter preservado o passado. Com isso, no contexto de uma sociedade basicamente oral, a poesia encontrou um valor semelhante ao das profecias, já que tanto o passado quanto o futuro estavam distantes do presente vivido naquele contexto.

A deusa Memória e suas nove filhas, as Musas, eram consideradas, por alguns, as inspirações dos poetas arcaicos, uma vez que eram as responsáveis por conservar os feitos memoráveis realizados pelos heróis, como Ulisses, Teseu e Hércules. Já por outros, eram caracterizadas como as responsáveis por conservar na memória os poemas recitados, em razão da linguagem predominantemente oral. Todavia, as Musas inspiravam os poetas não por serem as responsáveis por promover a memorização dos versos, mas por serem memoráveis.

Destas histórias narradas durante séculos, surgiu a filosofia, e os primeiros filósofos eram considerados, segundo Bornheim (2001), “filósofos-poetas”, já que a maioria expressava suas ideias em forma de verso. Entretanto, essa relação entre filosofia e poesia, que estava presente na filosofia pré-socrática, desapareceu com o pensamento ocidental, mas a relação entre poesia e filosofia não seria posposta por completo. A poesia expressa, ainda, segundo Bornheim (2001), uma visão da realidade, enquanto a filosofia se inclina a explicar a experiência através da razão. Portanto, filosofia e poesia caminham juntas, cada uma com o intuito de mostrar as experiências de mundo de uma forma diferente.

Em virtude disso, e devido à tamanha influência desses aspectos desde Homero, é inevitável encontrar resquícios dos grandes feitos mitológicos na poesia moderna e, conseqüentemente, a influência da filosofia, pois uma parte considerável dos poetas dos séculos XIX e XX ainda escreveram sobre ou citaram alguns dos grandes feitos dos deuses. Isso não poderia ser diferente na obra de vários autores brasileiros contemporâneos, como é o caso de Antonio Cicero, poeta, filósofo e compositor brasileiro. Cicero afirma, no livro *Finalidades sem Fim* (2005), que tanto a poesia quanto a filosofia são objetos de estudo e lazer

amplamente arraigados em sua vida. Portanto, refletir a influência das Musas nas obras do autor nada mais é do que compreender o seu objeto de inspiração. Ademais, com a vasta formação do poeta na área de Filosofia, seria inevitável a sua poesia separada desta seara, mesmo este acreditando que um não necessita do outro.

Antonio Cicero Correia Lima nasceu no Rio de Janeiro em 1945 e foi eleito, em 2017, membro da Academia Brasileira de Letras. Além de poeta, Cicero é compositor, crítico literário, filósofo e escritor. Formado em Filosofia pela London University, com passagem pela PUC – RJ e pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), também fez pós-graduação na Georgetown University, nos Estados Unidos. Além da composição de músicas e colaborações, Cicero publicou os ensaios filosóficos *O mundo desde o fim* (1995), *Finalidades sem fim* (2005), *Poesia e filosofia* (2012) e os livros de poemas, *Guardar* (1996), *A cidade e os livros* (2002) e *Porventura* (2012).

Portanto, para compreender as obras do autor e as referências feitas constantemente ao universo mítico, é preciso saber que filosofia e poesia estão presentes na vida do escritor. Tanto uma quanto a outra fazem parte das suas obras, seja na forma de poesia ou de ensaio, porém deve-se rememorar que a poesia e a filosofia surgiram em um mesmo universo no qual o mito e a religião caminhavam juntos e eram expostos através da poesia.

Com base nesta relação entre o poema, o mito e a filosofia, este artigo intenta uma análise dos poemas “Proteu”, publicado no livro *A cidade e os Livros* (2002), e “Icaro”, publicado no livro *Porventura* (2012) sua compatibilidade comparativo-analítica com textos que trabalharam a relação entre o mito, a poesia e a filosofia, e as grandes obras mitológicas, principalmente a *Teogonia*, publicada provavelmente entre VIII e VII a.C., de Hesíodo e *Metamorfose*, de Ovídio, publicada em VIII a.C.

### **Mito, Filosofia e poesia na Literatura**

Mito, Filosofia e Literatura se inter cruzam desde o início da civilização, ou melhor, desde que o homem passou a relatar, em histórias, situações que ocorreram há muitos anos ou que não possuíam uma explicação coerente. Entender como algo inexplicável aconteceu ou justificar desaparecimentos, mortes, situações extremas e até mesmo reflexões de determinados fatos que ainda não possuíam uma explicação científica recaíram a um desses três: ao mito, à filosofia ou à poesia, como afirma Eliade:

O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares. A definição que a mim, pessoalmente, me parece menos imperfeita, por ser a mais ampla, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio (Eliade, 1972, p.11).

É plausível pensar no mito como um acontecimento do passado relativamente remoto que, dada a sua importância e relevância histórica, chega a ser considerado sagrado. Ressalta-se que a maioria dos fatos aconteceram, mas o caráter sagrado foi, muitas vezes, construído e alimentado por contadores de histórias orais, os quais, para justificar um feito histórico, fizeram uso de elementos e situações inimagináveis para um mortal.

Foi nesse contexto, entre real e imaginário, que houve a distinção entre filosofia e poesia. As duas são constantemente debatidas em suas respectivas áreas, todavia, apesar da presença da poesia na filosofia e vice-versa, cada uma tem a sua importância devido às suas peculiaridades. Segundo Bornheim (2001), falar que poesia e filosofia estão interligadas seria exigir que de fato todo poeta possui uma chamada cultura filosófica, o que, na verdade, não ocorre, como afirma o teórico.

A verdadeira filosofia é o melhor material para o grande poeta. [...] Além disso pode-se recorrer ao trivial argumento, tão enfatizado por Péguy, de que todo homem tem, implícita ou explicitamente, uma filosofia, de que não se pode existir sem filosofia. E não se alcança entender por que exatamente um poeta deveria alhear-se a essa dimensão essencial do ser humano. É evidente que não se trata necessariamente de estudar filosofia ou de encantar-se com o jargão filosófico: trata-se apenas de reconhecer o imperativo de ser inteligente: o ler dentro das coisas (Bornheim, 2001, p. 63).

Nesse sentido, tendo isso como pressuposto, infere-se que, desde a Antiguidade, houve filósofos que também eram poetas, os quais narravam os feitos heroicos de grandes homens e dos deuses que tudo regiam. Com o passar dos séculos, os homens param de acreditar em muitas histórias mitológicas, em grande parte pela evolução da ciência, mas elas não sumiram do imaginário popular. Uma das formas encontradas para passar essas antigas histórias para as civilizações futuras foi a poesia, a qual teve em Homero e Hesíodo seus maiores expoentes. Hesíodo fez de suas poesias sobre a origem dos deuses e do pensamento religioso grego um dos meios mais acessíveis para o público com o passar dos séculos. Em sua obra *Teogonia*, Hesíodo narrou a origem dos primeiros deuses através de uma linguagem voltada para a manifestação do divino, como é possível ver no trecho abaixo que traz o nascimento dos primeiros deuses, especificamente o nascimento de Zeus e como sua mãe, Reia, não só conseguiu evitar que este fosse engolido por Crono, mas também que tivesse os demais filhos libertos:

Réia submetida a Crono pariu brilhantes filhos:  
Héstia, Deméter e Hera de áureas sandálias,  
o forte Hades que sob o chão habita um palácio  
com impiedoso coração, o troante Treme-terra  
e o sábio Zeus, pai dos Deuses e dos homens,  
sob cujo trovão até a ampla terra se abala.  
E engolia-os o grande Crono tão logo cada um

do ventre sagrado da mãe descia aos joelhos,  
 tramando-o para que outro dos magníficos Uranidas  
 não tivesse entre os imortais a honra de rei.  
 Pois soube da Terra e do Céu constelado  
 que lhe era destino por um filho ser submetido  
 apesar de poderoso, por desígnios do grande Zeus.  
 E não mantinha vigilância de cego, mas à espreira  
 engolia os filhos. Réia agarrou-a longa aflição.  
 Mas quando a Zeus pai dos Deuses e dos homens  
 ela devia parir, suplicou-lhe então aos pais queridos,  
 aos seus, à Terra e ao Céu constelado,  
 comporem um ardil para que oculta parisse  
 o filho, e fosse punido pelas Erínias do pai  
 e filhos engolidos o grande Crono de curvo pensar.  
 (Hesíodo, 2006, p.127).

Assim, o mundo grego fora retratado como um conjunto de elementos míticos cercado por aparições divinas, que, através dessa lógica, é rodeado por situações perigosas em virtude das tramas feitas pelos deuses que estavam constantemente vigiando os atos humanos.

Já Homero, tanto na *Ilíada*, quanto na *Odisseia*, publicados provavelmente em VIII a.C., narrou, através de poemas épicos, os grandes feitos ocorridos na Guerra de Troia, e, depois, a tentativa de regresso de Odisseu. Tudo isso tendo como personagens recorrentes a figura dos deuses que tanto ajudavam quanto tentavam retardar o retorno deste a Ítaca. Um desses exemplos pode ser visto no excerto abaixo, o qual conta a história de Proteu e como Idótea, sua filha, ensinou Menelau a prendê-lo.

Assim falou; e eu, tomando a palavra, dei-lhe esta resposta:  
 “Diz-me tu como prepararei a cilada ao ancião divino,  
 não vá ele ver-me primeiro e logo me evitar.  
 É difícil para um mortal dominar um deus.”  
 Assim falei; e logo me respondeu Idótea, divina entre as deusas:  
 “A ti, estrangeiro, tudo direi com verdade e sem rodeios.  
 Assim que o Sol tiver chegado ao meio do céu,  
 da água salgada sai para aqui o infalível Velho do Mar,  
 com o sopro do Zéfiro, coberto de negras algas.  
 Ao sair do mar deita-se em seguida em côncavas grutas;  
 e em seu redor as focas, progénie das lindas ondas salgadas,  
 se deitam a dormir, tendo emergido do mar cinzento;  
 e acre é o cheiro a maresia que trazem do fundo do mar.  
 A esse lugar te conduzirei quando surgir a Aurora,  
 para vos deitar em fila; tu escolherás dos companheiros  
 três homens, os melhores que tiveres nas naus bem construídas.  
 Agora contar-te-ei todas as manhas daquele ancião.  
 Primeiro há de contar e verificar as focas.  
 Depois de as ter verificado e contado cinco a cinco,  
 deitar-se-á no meio delas como um pastor com as suas ovelhas.  
 Assim que o verdes reclinar-se para repousar,  
 pensai imediatamente na força e na coragem:  
 retende-o, pois ele quererá esquivar-se com afinco.

Tudo tentará e assumirá todas as formas conhecidas de tudo o que se mexe na terra: até água e fogo ardente. Vós deveis agarrá-lo e segurá-lo com ainda mais força. Mas quando finalmente ele te falar e interrogar sob a forma com que pela primeira vez o vistes, então, ó herói, deverás desistir da força e deixá-lo: pergunta-lhe qual dos deuses se encoleriza contra ti; pergunta-lhe sobre o teu regresso pelo mar piscoso.” (Homero, 2018, p.152-153).

As sociedades antigas entendiam esses mitos, o nascimento de Zeus ou as viagens de Odisseu, como histórias verdadeiras e importantes para a compreensão do sagrado. Com a desmistificação dos deuses, em detrimento principalmente do avanço, como fora citado anteriormente, o religioso deixou de ser associado aos mitos, ou seja, houve uma separação entre real e imaginário. Estes passaram a ser citados na Literatura como “hóspedes”, segundo Calasso (2004), pois deixaram de ser invocados e foram esquecidos. Entretanto, para a Literatura, o mitológico serviu para incrementar as obras posteriores, de acordo com Calasso, “quase todos os poetas do século XIX, dos mais medíocres aos sublimes, escreveram alguma lírica onde os deuses são citados. E o mesmo vale para grande parte dos poetas do século passado” (2004, p. 10). Esses aspectos não são diferentes quando se trata de Literatura brasileira contemporânea, como é o caso de Antonio Cicero.

### **De Proteu a Icaro na Literatura contemporânea**

Com o passar dos séculos, a cosmogonia, que é a representação da realidade humana através dos mitos e personagens como deuses, titãs e heróis, deu lugar à cosmologia. Esta procurou explicar a realidade através de elementos naturais, a *physis*. Segundo Eliade (1972, p. 8), “desde os tempos de Xenófanes (cerca de 565-470 A.C.) – que foi o primeiro a criticar e rejeitar as expressões “mitológicas” da divindade utilizadas por Homero e Hesíodo – os gregos foram despojando progressivamente o *mythos* de todo valor religioso e metafísico”. Antonio Cicero aproveitou disso para falar de filosofia em seus ensaios, como pode ser visto em “Proteu”, ensaio realizado no livro *Finalidades sem fim* (2005).

Não é de estranhar que esse episódio tenha suscitado inúmeras interpretações filosóficas desde a Antiguidade, pois tudo nele é filosoficamente sugestivo. O nome Proteu significa o mesmo que “o primeiro de todos”. O nome de sua filha, Eidoteia, significa “deusa da forma” (isto é, da aparência, do aspecto, da figura). Temos aqui, portanto, de um lado, o pai, definido pelo nome como simplesmente o primeiro de todos, e a filha, definida como a forma, no sentido da aparência: portanto, por um lado a origem informe e, por outro, a forma originada. Além disso, Proteu é o velho do mar, embora às vezes ande pela terra, enquanto

Eidoteia anda pela terra, ainda que costume mergulhar no mar. (Cicero, 2005, p. 219-220).

Neste trecho, o autor retoma o valor natural dos acontecimentos, Proteu é aquele que veio antes de todos e Idótea – também chamada de Eidoteia – é a forma, ou seja, Proteu é a inspiração, a ideia, enquanto Idótea é a difícil arte de dar forma ao poema, o que pode ser entendido através da fala das histórias contadas oralmente, que foram passadas de geração em geração e foram o início de tudo que existe na sociedade hoje. Posteriormente, veio a palavra, aquela que restringe, que mostra como prender o que está solto e dá forma a tudo que é falado, assim como fez Idótea ao mostrar como prender aquele que não pode ser dominado. Além do ensaio, Cicero também destinou a Proteu um de seus poemas, retirado do livro *A cidade e os livros* (2002):

PROTEU

Helena jamais regressará.  
 Ao meio-dia não sairá  
 ela mas Proteu do mar bravio.  
 Quem lá estará à espreita escondido?  
 Tu. Não mais aguardarás Helena.  
 Guarda o nome, quando muito: Helena,  
 mas abre os braços e enlaça o Velho  
 que sai da espuma: abraça o leão  
 que ele será, segura a serpente,  
 cinge o bólido e a água corrente,  
 engole a televisão e a mata,  
 sê por um bom tempo o que tente  
 e para sempre nada: não pregues  
 coisa alguma no lugar do nada. (Cicero, 2002, p. 23).

O poema de Antonio Cicero, assim como outros presentes no livro, mostra um mito, assim como “Icaro”, “Prometeu”, “Medusa”, presentes em várias obras. Além disso, ele expõe a força do herói grego, uma vez que Menelau é capaz de enganar um deus para fugir da ilha. Desse modo, o mito será elencado como uma forma de retomar os deuses e, conseqüentemente, a queda de Proteu funciona como uma forma de queda dos deuses que até então eram intangíveis, assim como fez Idótea.

Portanto, Helena não regressará para os braços de Menelau, mas em seu lugar quem retorna é Proteu, o qual é a chave para a fuga e é conhecedor do futuro. E quem estará escondido a aguardar não será somente Menelau e seus companheiros, mas também os leitores, que devem agarrar tudo aquilo que é indefinido e dar forma. Ao mesmo tempo é preciso abraçar o leão e a cobra para se chegar ao conhecimento daquilo que está por vir. Logo, é preciso guardar algo, mas compreender que somente após enfrentar as intempéries será possível chegar ao pleno entendimento do todo. Além do mais Cicero faz a ligação com a televisão, possibilitando tanto a leitura mítica quanto contemporânea no que concerne ao papel de leitores que, assim como Idótea, devem transformar o metamórfico em algo limitado, o que é o papel das palavras. Isso ocorre uma vez que, através dessa,

os mitos que perpetuavam no imaginário popular são delimitados e definidos através da linguagem.

Portanto, não serão somente as Musas as responsáveis pelo acontecimento do poema, mas também a palavra que agora dá forma a tudo. Há então um caráter metalinguístico, e não é mais dada ênfase apenas à memória como única fonte de retomada da história, mas ao código linguístico. Ademais, a ideia e a inspiração vão sempre mudando, assim como ocorre atualmente com o advento da televisão a que Cícero faz a ligação, possibilitando tanto a leitura mítica quanto contemporânea no que concerne ao papel de leitores. Esse fato é possível uma vez que, através dessa, os mitos que perpetuavam no imaginário popular são delimitados e definidos por meio da linguagem, conseqüentemente, estão em constante transformação, pois a inspiração está recorrentemente mudando.

Outro poema importante e que permite uma reflexão sobre o mito na contemporaneidade é “Ícaro” presente na obra *Porventura* (2012). Neste, Antonio Cícero faz referência à personagem mitológica Ícaro, filho de Dédalo, os quais foram os responsáveis por construir o labirinto do Minotauro, morto por Teseu. Contudo, após a morte do Minotauro, Dédalo e Ícaro ficam presos no labirinto e, como tentativa de fuga de Creta, construíram asas com cera de mel de abelhas e penas de gaviotas. Apesar dos apelos do pai, Ícaro voou muito próximo do Sol, o que culminou no derretimento das ceras e sua morte ao cair no mar Egeu. Dédalo, sem perceber, faz com seu ódio culminasse na morte do filho: “[...] Dédalo, enquanto isso, com ódio de Creta e do exílio longo e tomado por grande saudade de casa, ao redor só via o mar. “Ainda que as terras”, disse, “e as ondas ele obstrua, o céu resta aberto; por lá nós iremos! Mesmo que tudo ele tenha, Minos não é dono dos ares.” (Ovidio, 2023, s.p.).

Seja para dizer aos mais jovens que devem obedecer aos mais experientes, ou para alertar aos adultos para tomar cuidado com a ganância, *O voo de Ícaro*, como ficou conhecido o mito, foi eternizado em pinturas, fábulas, no audiovisual, em referências em outras obras de ficção e, também, em *Icaro*, de Antonio Cícero:

#### ÍCARO

Buscando as profundezas do céu  
conheceu Ícaro as do mar

Adeus poeira olímpica  
grãos da Líbia  
barcos de Chipre

Adeus riquezas de Átalo  
vinhos do Mássico  
coroas de louro  
flautas e liras

Adeus cabeça nas estrelas  
adeus amigos  
mulheres  
efebos  
adeus sol:  
ouro algum permanece (Cícero, 2012, p. 75).

Antonio Cicero fala, então, no poema, que Ícaro não seria capaz de conhecer Chipre, os vinhos do Mássico ou qualquer outra regalia dada aos grandes homens, já que ao buscar incessantemente o sol, só pode conhecer as profundezas do mar. Este traz a lamentação do que não será possível mais viver. Na insatisfação coerente de viver em Creta, Dédalo parte para uma tristeza maior ainda. Nessa tessitura, Antonio Cicero cria uma sintonia entre o clássico e o contemporâneo, ao buscar figuras conhecidas no imaginário popular, como os deuses e heróis eternizados na *Ilíada*, na *Odisseia* e em outros épicos clássicos. Cicero os reutiliza em poemas que, além de carregar referências inteligentes a esses mitos desde sua narrativa até à sua forma, também reintroduz às suas simbologias. Isso significa que todo e qualquer mito grego carrega a sua lição de moral, a sua mensagem para a população daquela época. No caso de Ícaro, os valores ignorados trazem consequências irremediáveis: “Ícaro, o jovem, junto estava e ignorava que se trazia os perigos, ora, sorridente, as plumas que a brisa suave espalhava, colhia, ora com os dedos moldava flava cera, e, brincando, o admirável trabalho impedia do pai” (Ovidio, 2023, s.p.). Na rememoração contemporânea de Cicero, é retratado o pós acidente de Ícaro, ou melhor, tudo que o jovem poderia ter vivido

Depois que a última mão foi aplicada, o artífice equilibrou em asas gêmeas seu próprio corpo, flutuando nos ares turbados. Instruiu também ao filho, “Mantenha o limite médio, Ícaro”, disse, “aconselho, pois muito pra baixo águas te pesam as penas, acima se queimam no fogo. Voa entre os dois! Eu te ordeno não visar o Boieiro nem a Hélice, e nem a espada sacada de Oríon: deixa que eu guie o caminho!”. Enquanto lhe dá as instruções vai lhe acomodando nos ombros as asas ignotas.

Entre o trabalho e os conselhos, molharam-se as faces idosas, e tremeram as pátrias mãos. Deu beijos no filho que jamais daria de novo, e alçado com as asas voa à frente, e receia pelo que o segue, assim como a ave que a tenra prole, do ninho, conduz às alturas, exortando-a a seguir, ensinando-lhe as artes danosas,” “move ela mesma suas asas enquanto observa as do filho. Esses, alguém que tenta pescar com a trêmula vara, ou um pastor no cajado apoiado, ou colono no arado vê e pasma, já que todos que cruzam os ares crê que são deuses. Já do lado esquerdo a junônia Samos se via (Delos e Paros já haviam passado), à direita Lebinto e em mel abundante Calimno, quando o menino passou a gostar do voo arriscado e, pelo desejo do trato celeste, abandona seu guia e toma o caminho mais alto, mais perto do sol que consome: ceras perfumadas, das penas a cola, amolecem. Derreteram as ceras: agita os braços desnudos, e, carente de remo, não capta nada dos ares, quando sua boca, clamando pelo nome paterno cai nas águas cerúleas, que dele recebem o nome. Mas o pai infeliz, já não pai, “Ó Ícaro”, disse, “Ícaro”, disse, “onde estás? Em que região te procuro? Ícaro”, ia dizendo: viu as penas nas águas, execrou suas artes e o corpo enterrou num sepulcro e a terra ali recebeu o nome do sepultado.” (Ovidio, 2023, s.p.).

Na antítese apresentada no poema de Antonio Cicero, percebe-se um resumo de toda a história de Ícaro, ou seja, o personagem tentou alcançar o sol, mas acabou afogando, o que representa não apenas o quão profundo é o mar, mas a profundidade do desejo que Ícaro possuía em voar cada vez mais alto, ou até mesmo a ganância em conquistar algo proibido. A personagem, como um humano imortal, tomado pelo sentimento arriscado de querer abraçar o sol, uma representação do deus Apolo, uma divindade, perde a vida.

Nas histórias da Antiguidade é sempre retratado que os humanos que tentam se igualar ou se colocar acima de divindades são punidos, Teseu e Hércules enfrentaram a ira divina por se assemelharem aos deuses, mesmo com a afirmação divina da união entre deuses e mortais e a maioria deles possuir sentimentos ditos humanos, como o desejo, a raiva, a tristeza, entre outros. Além deste, Aracne, conhecida por desafiar Minerva – ou Atena – para um duelo de tecelãs, a qual, ao final, foi transformada em aranha. A história de Aracne e Minerva é contada no livro *Metamorfoses*, escrito por Ovídio, no qual também está a história de Icaro debatida anteriormente.

No poema de Antonio Cicero há uma semelhança com uma queda livre, quase como se a queda de Icaro estivesse acontecendo durante a leitura do poema. Ícaro começa a se despedir e a maior parte de suas perdas são materiais - reforçando a ideia de que a personagem tenta alcançar o sol por uma ganância pessoal ao mesmo tempo em que se despede daquilo que poderia ter vivido. Além disso, os sentimentos carnis suscetíveis aos imortais também são abandonados: as mulheres, os amigos, os efebos.

Não apenas a moral da história de Ícaro está presente no poema de Antonio Cicero, mas o autor também se presta a um trabalho de referências ao universo dos mitos gregos e à história original. Apesar de em nenhum momento do poema ser dito de maneira literal que o personagem tenta alcançar o sol, escrito apenas “buscando as profundezas do sol”, no final do poema, Cicero referencia a causa da morte de Ícaro, no penúltimo verso, dizendo: “adeus sol”. Ademais, são demonstradas mais claras referências à Grécia Antiga, nos substantivos próprios da Antiguidade, como Chipre, Líbia, Átalo.

### **Considerações Finais**

As obras de Antonio Cícero fazem, no geral, uma relação entre mito e filosofia, intercalando cosmologia e cosmogonia de acordo com a sua intenção final. Isto propicia ao leitor um contato diferenciado com a filosofia e a poesia, uma vez que essa proximidade não está tão evidente nas obras de outros autores em língua portuguesa.

Quase como uma forma de convidar o leitor a conhecer o universo mitológico, as obras do autor, mais especificamente alguns ensaios e poemas, permitem um contato singular. Conhecer Icaro e Proteu, além de outros personagens que permeiam anos de história, propicia um conhecimento e entendimento de muitas peculiaridades advindas deste período e que refletem na sociedade contemporânea, como o movimento solar, por exemplo. Sem adentrar nessas questões específicas, é possível ver uma proximidade singular entre mito e realidade.

No poema de Ícaro a narrativa em “tempo real” ou em “câmera lenta” representa uma queda não apenas em relação às despedidas que o eu lírico faz enquanto despenca em direção ao mar, mas também na forma do poema em si. É possível perceber que cada verso é encurtado na construção do poema e há uma simulação de queda, como se representasse o estágio final do declínio: o momento em que Ícaro encontra o fim.

Já no caso de “Proteu”, a reflexão sobre a relação entre Proteu e a televisão leva o leitor a uma reflexão sobre o contemporâneo, sobre a relação entre o real e o ficcional, entre coisa alguma no lugar de nada, entre o existir e o viver. Antonio Cicero nos faz, então, refletir, na atualidade poética, o quão atual ainda são os mitos sobre a importância da filosofia.

---

## Referências

---

- BORNHEIM, Gerd Alberto. *Filosofia e Poesia*. Matruga, Rio de Janeiro, n. 0, p. 61-69, 1986.
- CALASSO, Roberto. *A Literatura e os deuses*. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CICERO, Antonio. *O mundo desde o fim*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- CICERO, Antonio. *Guardar*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- CICERO, Antonio. *A cidade e os livros*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- CICERO, Antonio. *Finalidade sem fim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CICERO, Antonio. *Porventura*. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- CICERO, Antonio. *Poesia e Filosofia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CICERO, Antonio. *A poesia e a crítica: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- HESÍODO. *Teogonia: A Origem dos Deuses*. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução, notas e comentários de Frederico Lourenço. Lisboa: Quezal Editores, 2018.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2005.
- OVIDIO. *Metamorfoses*. Tradução de Rodrigo Tadeu Gonçalves. São Paulo: Penguin-Companhia, 2023.

RABELO, Sara Gonçalves; SOUSA, Juliana Moreira de; BUIATTI, Guilherme Mendonça de Oliveira. De Proteu a Icaro em Antonio Cicero: mito e filosofia na poesia contemporânea brasileira. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 2, p. 279-291, maio-ago. 2024.

---

### Autoria

---

**Sara Gonçalves Rabelo** é professora de Língua Inglesa e Língua Portuguesa do Instituto Federal Goiano (IF Goiano) Campus Campos Belos. Doutora em Estudos Literários (UFU, 2021), tendo defendido a tese em Literatura Comparada sobre a escritora contemporânea Adriana Lunardi e a relação polifônica com autoras em língua inglesa, portuguesa e francesa. Mestre em Filosofia (UFU, 2017) e licenciada em Letras - Português (UFU, 2013) e em Letras - Inglês (UNIUBE, 2017). E-mail: [saragrabelo@gmail.com](mailto:saragrabelo@gmail.com); ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3049-3104>.

**Juliana Moreira de Sousa** é doutoranda em Literatura pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal do Goiás (UFG). Licenciada em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Ouro Preto, especialista em Educação: metodologias, tendências e foco no aluno pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, na linha Literatura, Memória e Identidade da Universidade Federal de Uberlândia. Tem experiência na área de ensino de Língua Portuguesa, Literatura, Interpretação de Textos e Produção Textual. E-mail: [julianasousamoreira@gmail.com](mailto:julianasousamoreira@gmail.com); ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4142-6481>.

**Guilherme Mendonça de Oliveira Buiatti** é graduando em Letras - Português pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: [guilhermebuiatti20@gmail.com](mailto:guilhermebuiatti20@gmail.com); ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0006-5703-9864>.